

Editorial

NAS MÃOS
DE DEUS

Reportagem publicada ontem por **O TEMPO** faz um retrato desanimador do trabalho realizado em Belo Horizonte com relação à recuperação das pessoas usuárias de crack. O esforço tem sido insuficiente.

Registros pouco confiáveis contabilizam mais de 20 mil usuários de crack na capital. As pessoas com problemas com álcool e drogas são 16,4% da população, ou 408 mil, de acordo com dados preliminares.

Embora os problemas sejam parecidos, os usuários de crack são mais resistentes a tratamento. A pessoa, sozinha, não tem forças para deixar a droga. Muitas vezes, a Justiça tem de determinar a internação.

Para enfrentar o problema, contribuem os governos federal, estadual e municipal, além de organizações privadas. O SUS financia estas últimas por meio do cartão Aliança pela Vida, concedido aos pacientes.

Por ação direta do Estado, há o programa Crack, É Possível Vencer, do governo federal. Uma de suas metas até 2016, na capital, era a construção de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps-AD).

A obra foi cancelada. Em seu lugar, a prefeitura mantém três Centros de Referência em Saúde Mental (Cersams), que proporcionam tratamento-dia, com disponibilização de leitos em casos de emergência.

Também a meta de inaugurar consultórios de ruas não será cumprida. Há quatro funcionando. Na teoria, as equipes teriam de ir a campo, abordando os usuários, mas há dúvidas de que isso seja feito.

De modo geral, os serviços disponíveis não aceitam quem não queira se tratar. Caso da Abraço, por exemplo. Mas as clínicas chamadas de “comunidades terapêuticas” forçam a mão para receber os recursos do governo.

Atualmente, várias dessas instituições são objeto de investigação. Há dúvidas sobre a qualidade de seu trabalho. Não oferecem o número de leitos contratado, não dispõem de profissionais especializados e até aplicam castigos.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolli
PRESIDENTE Laura Mediolli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Sem o SUS, o Brasil retrocederá
ao tempo dos indigentes

É o maior sistema público de saúde do mundo

Não é catastrofismo, mas, na toda em que vamos, ou o povo se levanta em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), ou o Brasil retrocederá ao tempo dos indigentes. O processo está em curso. As ameaças são reais.

Para Marcelo Pellegrini, o “maior sistema público de saúde do planeta, o SUS, é uma obra em demolição”. E lembra que a Agenda Brasil, proposta do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), previa “a possibilidade de cobrança diferenciada de procedimentos do SUS por faixa de renda” (“Projetos em tramitação no Congresso ameaçam a sobrevivência do sistema único”, 15.8.2015). Dilma não caiu na vigarice, mas parou por aí.

O jornalista João Paulo Cunha avalia: “Na recente reforma ministerial, a Saúde entrou como moeda de troca. Saiu um ministro identificado com o SUS e com os valores da reforma sanitária, e entrou um político profissional do mais fisiológico dos partidos, o PMDB. Pode-se argumentar que, como política de Estado, o SUS esteja preservado em sua esfera de atuação. Sabemos que não será assim” (“O SUS é maior que o governo”, 13.10.2015). No Congresso Nacional, tramitam várias propostas que visam minar o SUS, sem esquecer que a presidente sancionou a MP 656, de dezembro de 2014, que permite o capital estrangeiro na saúde!

Dá para imaginar viver num Brasil sem SUS? Sabe o que é morrer à míngua, como um cão sem dono? É um cenário de terror. “como dizia o meu avô, nos moldes do vale o que possui: ‘Quem tem um barraco, um cavalo, um jegue ou um cabrito, quando adoece, vale um barra-

co, um cavalo, um jegue ou um cabrito!’”. Antes do SUS, eram nossos bichos quem nos salvava na doença, então eu não troco um dia de SUS de hoje, por pior que ele seja, por um da era pré-SUS.

“Na era pré-SUS no Brasil, quem não possuía barraco ou bicho pra vender pra ‘se tratar’ era tipificado como indigente, foco da caridade das antigas Santas Casas, ou morria à míngua. O SUS acabou com a figura do indigente da saúde, mudando radicalmente 500 anos de história do Brasil, quando o doente valia o que possuía” (“O maior mérito do SUS é a extinção do indi-

“Se eu visse Dilma, diria: mulher, torne o SUS aquilo que a gente precisa na hora da doença e da morte, que eu quero ver quem vai mexer contigo!”

gente da saúde”, **O TEMPO**, 24.11.2009).

O SUS, além de ser o maior sistema público de saúde do mundo, é a maior conquista democrática do povo brasileiro! Repito: “O SUS é uma conquista que precisa ser concretizada cotidianamente. Temos problemas de gerenciamento, de incompreensão política dos governos e até de usuários que usam o pronto-socorro até para espirro.

“Outro problema: às 17h, todo lugar que faz consulta na rede pública neste país está fechado! Sou defensora intransigente do terceiro turno no setor de saúde, tanto em postos como em ambulatórios. Se eles funcionassem à noite, as pessoas

não precisariam faltar ao trabalho para fazer uma consulta. Ampliaria o número de consultas e geraria mais empregos”.

E mais, a mídia sataniza o SUS. “O falar mal do SUS é muito patente. A mídia está sempre do lado do contra quando tem uma votação que prevê mais dinheiro para o SUS. Ela não quer que o SUS tenha mais dinheiro. Foi assim com a CPMF, ou com qualquer projeto, e teve também um papel decisivo na ampliação dos planos de saúde no Brasil, dourando a pílula. Os planos de saúde venderam uma coisa que não tinham. Venderam tanto que agora deu ‘crap’” (entrevista à “Gazeta do Povo”, 18.12.2011).

Como disse uma mulher numa UPA em São Luís abarrotada de gente, com apenas duas cadeiras reclináveis na sala de medicação: “Se eu visse Dilma, diria: mulher, torne o SUS aquilo que a gente precisa na hora da doença e da morte, que eu quero ver quem vai mexer contigo!”.

